

O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, de Eduardo Giannetti

Paula Meyer Soares Passanezi

Doutora em Economia de Empresas – EAESP-FGV
Coordenadora de curso – Uninove

O que são juros? Por que eles existem? Para responder a esses questionamentos, Giannetti, com exemplos da natureza e do cotidiano das pessoas, explica em linguagem clara e direta a real natureza deles.

Na verdade, a valoração do amanhã tem um preço que decorre, sobretudo, das escolhas que fazemos, uma vez que “O presente foge, o passado é irrecobrável e o futuro incerto.” (p. 67). A incerteza do que ocorrerá no futuro permeia a mente humana incessantemente e, de certo modo, dos animais (não de modo consciente). Ademais, tanto a sobrevivência quanto a permanência na Terra obedece a um ciclo – juventude, maturidade e velhice. Isso leva à adoção inevitável de escolhas, em um espaço de tempo, em troca do usufruto de alguns benefícios no presente. Esse *trade-off* entre o momento presente e o futuro inputa a idéia de trocas intertemporais – são ações de manipular, de alguma forma, a seqüência de eventos no tempo de modo a favorecer a realização (p. 69). O organismo humano, por exemplo, sabe que envelhecerá e que a reprodução das células diminuirá mais cedo ou mais tarde. Nesse sentido, é necessário antever esse episódio e permitir a reprodução até determinado período em que o organismo esteja apto a gerar um novo ser. A mudança das estações do ano, por exemplo, mostra claramente esse *trade-off* entre armazenar energia o suficiente para atravessar o tenebroso outono e inverno e aproveitar os primeiros raios de sol com a chegada da primavera. A queda das folhas na fria temporada diminui a probabilidade de perda de energia, uma vez que seus canais de dissipação temporariamente não existem mais. Com o raiar do sol na primavera, brotos e novas folhas florescerão,

permitindo novamente ao vegetal a capacidade de captar a energia necessária para sua sobrevivência. Essas escolhas, no entanto, envolvem riscos, uma vez que não se pode antever, de modo seguro, o futuro. Então nos resta apenas indagar: “Desfrutar o momento ou cuidar do amanhã?”

Eduardo Giannetti, nascido em Belo Horizonte, PhD em Economia pela Universidade de Cambridge e autor de numerosos artigos e livros, entre os quais “O Auto-engano” e “Felicidade” (ambos publicados pela Companhia das Letras), apresenta, com muita propriedade, a *bendita* natureza dos juros na mente humana e dos animais.

A obra “O Valor do Amanhã” divide-se em quatro partes. Na primeira, Giannetti busca na biologia a explicação e a origem da natureza dos juros. O autor discute a questão da paciência tanto no aspecto comportamental quanto no da fisiologia humana. O armazenamento de gordura no corpo humano é precaução do organismo para possíveis futuros períodos de inanição. O metabolismo é o gerenciador de energia durante esses períodos. Escolhas extremas geram resultados patéticos – no caso da reprodução das mariposas, apenas uma sobrevive para dar vazão à prole que virá no futuro.

Na segunda parte, o autor mostra a finitude da permanência humana e animal na Terra. A consciência dessa limitação remete à adoção de escolhas dentro de uma linha de tempo. A caça dos leopardos africanos por animais selvagens mostra sua clara disposição em preferir o usufruto de refeições rápidas e apetitosas a buscar animais de menor porte e menos atraentes. O desejo árduo em desfrutar, tão logo, da presa ignora o risco de

ser morto na ação de captura do animal. Essa incapacidade de esperar decorre simplesmente da noção clara da finitude da vida e da necessidade de saciar esse desejo intenso – no caso, a fome.

Na terceira parte, analisa-se o processo de formação de crenças em relação ao futuro e em diferentes esferas da vida prática, e são apontadas algumas das principais ilusões de ótica e as estratégias adotadas para implantá-las no cotidiano. Diante da finitude da vida, permanece a incerteza com relação ao futuro. Até que ponto sabemos ponderar entre o peso que damos ao presente e ao futuro? É sabido que, em algumas situações, é possível antever onde se deseja estar ou qual a sensação que se pretende desfrutar em um período futuro próximo. É natural que um professor reserve um tempo para escrever um livro, que haja tolerância para finalização de determinada atividade. No entanto, existem anomalias de antevisão. As expectativas paternas com relação

a sua prole podem ser frustradas, porque, nesse tempo (mínimo de 20 anos até a chegada da idade adulta), as escolhas adotadas pelos filhos podem não alcançar o que os seus pais esperam. A estratégia de jogar incessantemente em loterias pode não alcançar seu *target*, isto é, tornar-se rico da noite para o dia. Tal estratégia pode ser frustrada, uma vez que a probabilidade de seu bilhete ser o premiado pode ser mínima ou máxima!

A quarta parte mostra que a natureza impõe limites. O prazer e a dor atam-se. É necessário fazer escolhas, e somente o preço que estamos dispostos a pagar é que determinará qual pretendemos seguir. Quanto menor a tolerância de espera para o usufruto da escolha, maior será o preço a ser pago no presente; caso contrário, aquele que sabe esperar será premiado. Essa é uma ponderação eterna que homens e animais fazem. E por que não dizer que cada um sabe, realmente, o verdadeiro valor do amanhã?